

A PAISAGEM cinzenta contorcia-se numa dança lenta, como uma serpente, enquanto eu olhava pela janela da cozinha, em que a chuva escorria. Durante toda essa manhã de novembro, tinha caído uma garoa miudinha.

«Que dia!» resmunguei. Minha filha Carolyn, de nove anos, apoiando o queixo no meu ombro, acabava de me lembrar a promessa de levá-la às cavernas dos porcos-espinhos. «Olhe, eu gostaria de ir, mas você vai ficar ensopada.»

«Ah», rezingou ela desapontada.

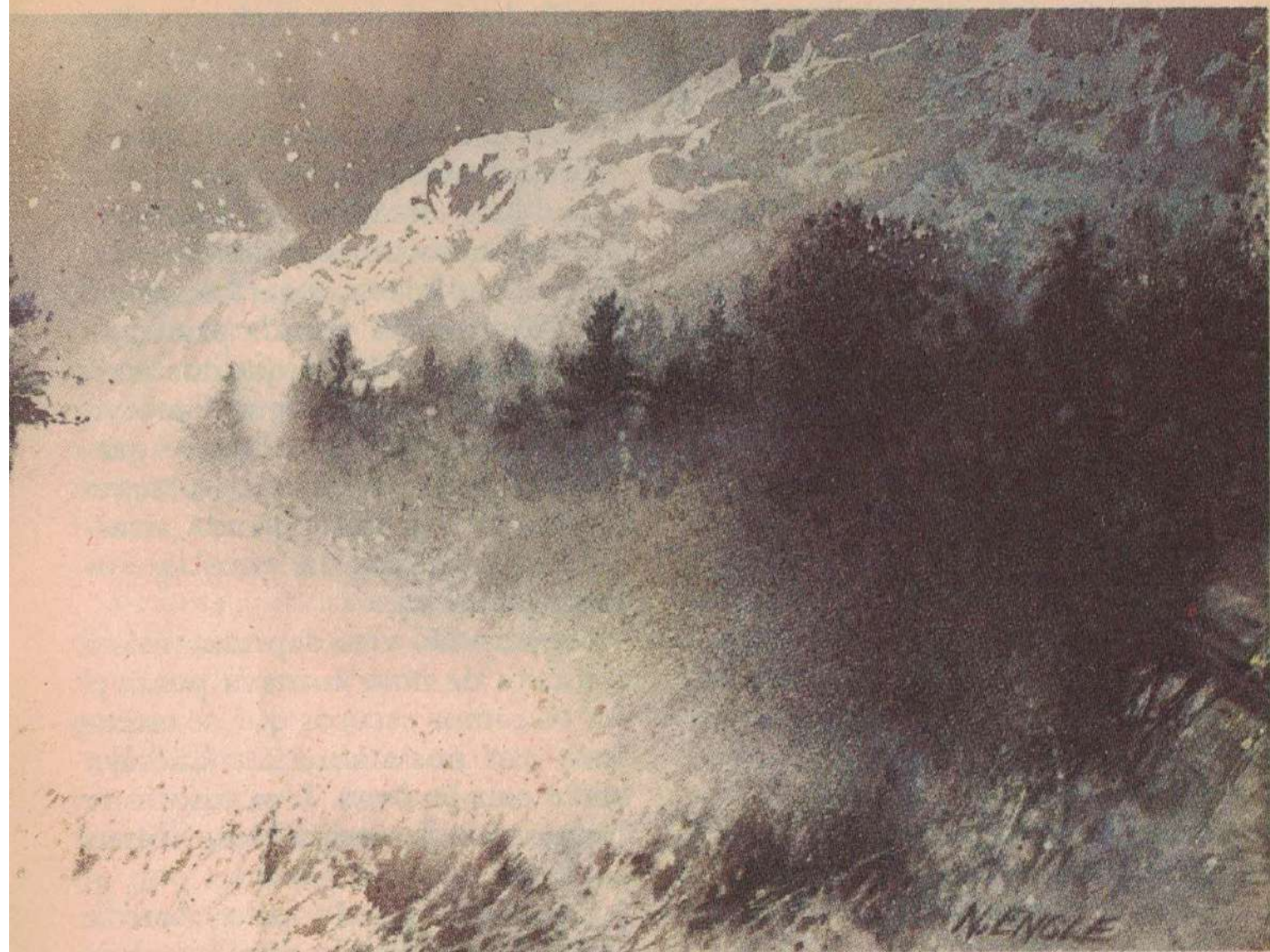
Fez-se um longo silêncio e eu devia ter deixado as coisas por aí, mas, em vez disso, anunciei: «Bem, acho que dá para ir, se você tomar um banho quente, quando voltarmos.»

Sáimos de casa quase ao meio-dia. Carolyn vestia um macacão e dois suéteres finos por baixo de uma camisa de lã, e eu, calças de lã, uma roupa de baixo isolante e camisa de algodão. Carolyn tinha feito sanduíches de manteiga de amendoim, e eu levava umas barras de chocolate no bolso.

Fomos até a fazenda Flintlock, deixamos o carro na estrada principal e seguimos para a floresta pelo antigo atalho. Sob uma chuva morna, fomos em direção ao sul pela mata; atravessamos o denso pântano de amieiros e subimos a colina que levava a uma grande pedreira. No lado oposto, encontramos as cavernas dos porcos-espinhos – fendas horizontais, baixas, entrando fundo na rocha. Exploramo-las, mas não vimos nenhum animal.

«Se
ficarmos
aqui,
morreremos»

FRANKLIN R. JONES



Como as cavernas não eram suficientemente grandes para servirem de abrigo, sugeri que construíssemos um pequeno refúgio. Fizemos a estrutura de ramos secos e depois apanhamos outros, de abeto, para o telhado. Comprimos nossos corpos molhados naquela «mansão real», e comemos os sanduíches encharcados e as barras de chocolate, já moles, conversando sobre os esplendores da natureza e as vantagens de ser animal selvagem.

A medida que falávamos, senti que a temperatura mudara, e, num instante, verifiquei que estava gela-

do. «Vamos embora», disse eu. «Já são duas horas.»

Tínhamos andado umas dezenas de metros quando senti um frio terrível no rosto e infiltrando-se pelas minhas calças molhadas. Vimos então os primeiros flocos de neve, misturados com a chuva. Quando chegamos ao pântano, o céu era um verdadeiro mundo de neve que rodopiava, branca, cegando-nos.

Mesmo com bom tempo, é difícil atravessar aquele pântano, a menos que nos orientemos pela margem oposta. Com os olhos, eu ia seguindo um alto pinheiro que se er-

guia acima das outras árvores, mas agora, rodeado de neve, mal podia distinguir os arbustos cinco ou seis metros à minha fente.

Atravessamos o pântano e caminhamos através da floresta, lutando contra o vento e procurando não perder o caminho, enquanto limpávamos a neve do rosto. Então, Carolyn parou. «Olha ali a nossa casa», disse ela, virando a cabeça para a direita.

«Casa?»

«A nossa casinha... ali em frente.»

«Você quer dizer o nosso abrigo? Não, aquilo são só galhos velhos...»

Carolyn atravessou a clareira, parou e voltou-se de repente. Sua voz era calma, seu tom muito natural. «É o nosso abrigo.»

«Tem razão», comentei, procurando sorrir. «Sabe o que aconteceu? Eu estava ocupado demais, lutando contra a neve, para prestar atenção. Andamos em círculo.»

Carolyn mostrou pouco interesse nas minhas teorias. Tremia. «Estou com frio», falou.

«Muito bem... só temos que recomeçar.» Voltamos ao pântano e eu a conduzi de novo para o outro lado. Carolyn bateu um pé no chão, depois o outro. «Meu suéter está gelado», disse.

«Olhe, querida, fique aqui um minuto. Vou pela margem, até encontrar o pinheiro grande.» Caminhei devagar, sem perdê-la de vista. Continuei a falar, para que ela não sentisse medo. Meu Deus, ela era admirável! Nem uma queixa sobre meu engano!

Não havia árvore nenhuma. Regressei e procurei na outra direção. Tudo parecia estranho; não encontrei um único ponto de referência.

Eram quase quatro horas. Já tinha dificuldade em ver o meu relógio. Era melhor sairmos dali. Dessa vez, contudo, eu iria mais para a esquerda, em direção à estrada principal. Caminhamos. A neve que nos açoitava era tão espessa que Carolyn mal podia abrir os olhos. Agarrou-me pela camisa e eu prossegui através das rajadas de vento, arrastando-a na subida das encostas cobertas de neve.

A escuridão veio depressa, mas a brancura da neve tornava possível ver os ramos escuros que se estendiam em nossa direção. Carolyn caiu e eu a levantei. Um suspiro se desprende de seus lábios: «Meus pés estão doendo, papai.»

Passei-lhe a mão pelo rosto e senti a crosta de gelo que lhe cobria o cabelo. «Está bem... chore se quiser... Eu sei que você está com frio.»

«Eu... Eu estou muito bem.» Com Carolyn agarrada a minha camisa, eu literalmente a arrastava.

Andávamos mais depressa agora. «Não consigo caminhar. Não sinto nada», queixou-se ela.

Deve ter sido a notícia que li no jornal que influenciou primeiro meus pensamentos. Apenas uma pequena notícia, que eu tinha lido sem grande interesse, a respeito de um homem e seu filho perdidos na floresta. Chovera, e o pai havia tentado manter o filho aquecido, es- treitando-o contra si, mas o garoto

tinha morrido gelado antes do amanhecer.

À medida que errávamos sem rumo pela floresta, aquela pequena notícia perpassava minha cabeça entorpecida. Eu não me enganava: encontrava-me realmente na mesma situação... ou talvez pior. A temperatura tinha descido de maneira fantástica desde as duas horas. Ambos estávamos cobertos por uma fina camada de gelo. Minhas mãos se achavam entorpecidas de frio, e Carolyn devia estar ainda mais gelada.

Vi uma sombra escura projetando-se contra o céu. «Vamos para aquela saliência. Vou fazer uma fogueira.»

Subitamente, parei e olhei com espanto através das árvores. Uma faixa de terra cinzenta, mais escura do que a neve, tinha atraído meu olhar. Mesmo à luz crepuscular, vi que era o pântano. Deixei Carolyn onde estava e caminhei aos tropeções em direção a ele. Tinha de descobrir de que lado estávamos. Andei alguns metros, primeiro numa direção, depois na outra. Então, percebi que não era o mesmo pântano; era o grande, mais para dentro da floresta. Mas de que lado eu estava?

Ajudei Carolyn a chegar aos rochedos. Colhi folhas e paus debaixo das fendas. Por cima deles, espalhei agulhas verdes de pinheiro. Apanhei o isqueiro.

Até esse momento, tinha certeza de que minha filha não pusera em dúvida minha capacidade de enfren-

tar a situação, mas, agora, ela olhava para minhas mãos, à medida que eu tenteava com o isqueiro. Acionei com força, uma vez após outra. Víamos as centelhas fracas extinguirem-se logo. Um soluço subiu da garganta de Carolyn. Tremia convulsivamente: depois, pôs-se a chorar. Olhei para a garota, sentindo que eu era responsável por sua vida e que não estava me saindo muito bem.

Talvez minha roupa de baixo isolante a agasalhasse mais que seus suéteres. Desabotoei a camisa e disse-lhe que tirasse as roupas da cintura para cima. Largamos os suéteres molhados e ela ficou assim, com a neve caindo sobre seu corpo trêmulo.

Com surpresa, vi que o lado de dentro da minha roupa de baixo estava perfeitamente seco, embora tivéssemos ficado expostos à chuva e à neve durante horas. Quase de imediato, Carolyn sentiu o calor da roupa, à medida que eu a ajudava a vestir, tentando para abotoá-la rápido. Minha camisa de algodão estava menos agradável, colando-se ao meu corpo com uma umidade gelada.

Eu precisava de um momento para pensar, para ficar só e tentar desembaraçar-nos daquela situação terrível que eu havia criado. Subi ao alto da saliência e olhei para o céu cinzento, cheio de neve. Nunca em minha vida tinha enfrentado perigo tão real; não para mim, pois eu podia continuar a andar toda a noite para manter-me aquecido, mas para

minha filha. A notícia do jornal continuava a cintilar em meu espírito como um anúncio luminoso. Era preciso fazer alguma coisa.

Então ouvi um som. Voltei rapidamente a cabeça para saber de onde vinha. O som repetiu-se. Era o latido de um cão, à minha direita. Parecia vir de um milhão de quilômetros de distância.

O silêncio que se seguiu era angustiante. Ouvi, então, de novo o latido. Pela primeira vez, durante a tempestade, meu espírito parecia funcionar com clareza. Era um risco, porque o cão talvez não ladrasse outra vez, mas agora valia a pena tentar qualquer coisa.

Carolyn continuava encolhida contra as rochas, e eu me ajoelhei junto dela. «Carolyn, escute: se ficarmos aqui, morreremos. Temos que andar. Há por ali um cachorro latindo... Podemos seguir o som.» Ela não respondeu.

Eu tinha de fazê-la andar. Não podia carregá-la, naquela caminhada, subindo e descendo as colinas cobertas de neve. «Você tem que andar, está ouvindo?»

Carolyn moveu vagarosa a cabeça de um lado para o outro, soluçando baixinho. «Eu não... ouvi... nenhum cachorro.»

«Não tem importância. A gente só vai ouvir direito do alto de um monte.» Ajudei-a a ficar em pé. Ela se agarrou à minha camisa e seguimos, tropeçando pelo terreno irregular, quase nos arrastando, até a vertente da colina seguinte. Não ouvíamos nada a não ser nossa pró-

pria respiração. Nesse momento, o cão latiu de novo.

A regularidade daquele abençoado latido, cada vez que lutávamos para chegar ao alto de um morro, tornou-se fantasmagórica. Parávamos sempre por uns momentos; depois, mais uns latidos e... silêncio.

Quando chegamos à quinta colina, no entanto, não se ouvia mais nada que não fosse o murmurar de um regato subterrâneo, em algum lugar. A silenciosa cortina de neve continuava a cair. «Temos de tentar outra encosta», eu lhe disse. «Não podemos parar por muito tempo.»

Deixei-me deslizar pelo declive, com Carolyn agarrada a mim, e depois prosseguimos com todo o cuidado através do arvoredado. Chegamos a uma clareira, e eu estava prestes a atravessá-la quando percebi que aquilo era um caminho. Um atalho! «Conseguimos, meu bem, conseguimos!»

Eu, porém, não estava seguro. Seria aquela a picada certa? Para que lado devíamos ir? Decidi seguir para a esquerda, e caminhamos devagar, guiados pela tira branca de neve. Tínhamos andado cerca de 20m quando senti som de madeira debaixo dos pés. Bati o pé e percebi que estava numa ponte.

À vinda, havíamos passado por uma ponte. Agachei-me e percorri com os dedos rígidos a extremidade de cada tronco. Depois, fiz o mesmo do outro lado.

«Que está fazendo, papai?»

«Olha aqui, Carolyn: o prego! Eu me lembrei que havia um prego na extremidade desta ponte. Prendi o sapato nele, uma vez. Estávamos indo pelo caminho errado. *Este* é o caminho para sair daqui. Conseguimos, Carolyn!»

Logo encontramos nosso carro no fim do antigo atalho. Um cão lá em cima, na fazenda, latiu quando fechei a porta. Era o mesmo latido. Bendito seja!

Iria jurar que andamos perdidos a maior parte da noite, mas eram

apenas seis horas e estavam pondo o jantar na mesa quando chegamos a casa. Nada podíamos dizer; não era o momento. Entramos. Ajudei Carolyn a tirar a roupa molhada, e ela foi tomar um banho quente. Depois, levei-a para a sala, embrulhada num cobertor, e dei-lhe um pouco de vinho quente.

Quando eu estava acendendo meu cachimbo, ela me puxou pela manga, abraçou-se a mim e beijou-me. «Obrigada, papai, obrigada por ter-me tirado dali.»



O DR. JACOB Bronowski, criador de uma série de programas culturais na televisão norte-americana, a princípio, ficou indeciso quando o convidaram para participar de programas dessa natureza, por causa do baixo nível que, normalmente, se encontra nos meios de informação. Dizia ele: «É como se a imprensa fosse usada exclusivamente para publicar histórias em quadrinhos.»

— D. W.

DESDE o dia 1.º de abril de 1976, os aeroportos comerciais da Alemanha estão operando de acordo com o princípio: *Quanto menos barulho, mais barato*. As taxas de pouso são escalonadas conforme a intensidade dos ruídos do avião que vai aterrar. A iniciativa dessa campanha contra o barulho nos aeroportos foi tomada pelas autoridades do aeroporto de Frankfurt com uma competição em que se pagavam dois milhões e meio de marcos a 31 companhias aéreas, cujos aviões apresentassem menor índice de ruídos. Quem ganhou o primeiro prêmio foi a Lufthansa, a companhia aérea da República da Alemanha Federal,

— Scala International, Alemanha

EU ERA encarregada de um campo de férias, onde cerca de 300 garotos tinham ido passar uns dias no verão. Certo dia, um menino de uns oito anos veio até minha tenda e implorou-me que eu corresse. «Um amigo meu desmaiou», dizia ele.

«Mas que é que aconteceu?» perguntei-lhe, enquanto ia com ele.

«É que tinha uma vespa na cabeça dele e eu quis matá-la com um martelo.»

— B. S.